

Uma espada através do corpo de Dilma Roussef: mídia, discurso e imagem

A sword through the body of Dilma Roussef: media, discourse and image

Pollyanna H. SILVA

Universidade Federal de Uberlândia – (UFU)

Simone Tiemi HASHIGUTI

Universidade Federal de Uberlândia – (UFU)

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de discutir a relação entre imagem e texto verbal em um artigo de jornal, a partir de uma perspectiva discursiva. Partimos do pressuposto de que os recursos midiáticos – TV, rádio, jornais impressos e online – são espaços de notícias e instituições que difundem e regularizam saberes que circulam na sociedade, e que têm o poder de instaurar sentidos que são tomados como verdades inquestionáveis. Nas reportagens, pela costura e disposição dos elementos gráficos e textuais, esses veículos fazem mais ou menos visíveis assuntos, personagens e temas e organizam percursos de leituras e sentidos de determinados discursos. Para discutir esses aspectos em funcionamento, nosso material de análise compõe-se de uma página de jornal do *Estado de S. Paulo*, em que uma foto da presidente da República Federativa do Brasil, Dilma Roussef, foi publicada ao lado de uma notícia da qual a imagem não faz parte; criando, assim, um direcionamento de sentido. Assumimos o referencial teórico da Análise do Discurso de tradição franco-brasileira, principalmente os conceitos de enunciado e mecanismos de poder, propostos nos estudos foucaultianos sobre os saberes e discursos. Discutimos como a utilização da imagem descontextualizada de sua própria história, em meio ao texto verbal, é uma estratégia que visa repetir o sentido do texto verbal e estabilizar um determinado discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Enunciado; Imagem; Discurso

ABSTRACT: This work aims to discuss the relationship between verbal text and image within a discursive frame. We understand that the media resources - TV, radio, printed and online newspapers - are spaces for news and institutions that spread and regulate kinds of knowledge and have the power to establish unquestionable truths. In news articles, the way the graphic and textual elements are formatted and displayed builds and organizes forms of reading and meanings in certain discourses. For our discussion, the material of analysis consists of one page of the newspaper *Estado de S. Paulo*, where a photo of the president of the Brazilian Federal Republic, Dilma Roussef, was published alongside an article which is not part of the news; thus directing meaning. The Franco-Brazilian discourse analysis framework guides the study. We particularly use the concepts of statement and mechanisms of power proposed in the Foucauldian studies on knowledge and discourse. We discuss how the use of the image as decontextualized and out of its own history, amid the verbal text, is a strategy that aims to repeat the sense of the verbal text, and stabilize a certain discourse.

KEYWORDS: Media; Statement; Image; Discourse

Considerações Iniciais

As redes sociais e os meios audiovisuais, assim como a pluralização dos impressos, na contemporaneidade permitem que em nossa sociedade tenhamos acesso a diversos gêneros de textos que, por terem ampla circulação e muita visibilidade, acabam por fazer parte do nosso cotidiano e são, por isso, muitas vezes tomados como não passíveis de questionamentos quanto às práticas discursivas que impõem, ou seja, quanto aos poderes que podem exercer na sociedade. Isso acontece com o discurso midiático, que acaba por instaurar, entre nós regimes de saberes, verdades e identidades.

Este trabalho analisa uma reportagem que circulou no jornal impresso O Estado de São Paulo, no dia 20 de agosto de 2011. Nela, uma fotografia da presidente Dilma Roussef em visita aos Agulhas Negras, aparentemente apenas uma “ilustração”, torna visível uma estratégia de poder, na medida em que há a possibilidade de um direcionamento e imposição de determinado efeito de sentido.

A imagem foi produzida a partir de uma determinada posição discursiva e do contexto histórico do momento, e a partir de interesses midiáticos. Ao contrário do que é postulado pelo senso comum sobre a prática jornalística e já bastante debatido em pesquisadores do discurso e da mídia, mais uma vez, essa reportagem nos mostra como a imparcialidade e a neutralidade professada pelo discurso midiático é uma ilusão. Afinal, bem sabemos como nos ensinou Foucault (1986) que não existe neutralidade no discurso.

Em nossa análise, assumimos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, (AD), pautados em estudos de diferentes autores franceses e brasileiros. Assumimos o discurso como um objeto de análise que

Encontra-se na exterioridade, no seio da vida social, o analista/estudioso necessita romper as estruturas linguísticas para chegar a ele. É preciso sair do especificamente linguístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar, o que está entre a língua e a fala, fora delas, ou seja, para compreender de que se constitui essa exterioridade a que se denomina discurso, objeto a ser focalizado para análise (FERNANDES, 2005, p. 24)

Entender o discurso significa ir à busca do processo de construção de efeitos de sentidos que emergem em decorrência de determinadas condições sócio-histórico-ideológicas. A escolha de um item lexical em um texto, por exemplo, pode provocar no leitor a emergência de diversos sentidos que, muito além dos que poderiam ser listados no dicionário, revelam valores sociais reforçados e/ou negados, conflitos e contradições.

A Imagem e o sujeito no/do discurso

As práticas discursivas na contemporaneidade têm sofrido, cada vez mais, a influência do desenvolvimento tecnológico e incorporado elementos para além do enunciado linguístico. Como afirma Sargentini (2012, p.102):

Se antes as análises revelavam, por exemplo, as nominalizações como um recurso de manutenção de uma língua de madeira, ou ainda as sequências discursivas como lugar de ocorrências de regularidades e deslizamentos de sentido, na contemporaneidade, não se pode ficar cego às outras modalidades de linguagem que estão envolvidas no discurso político.

As outras modalidades a que se refere a autora abrangem os gestos, o tom de voz, o uso de cores, de movimentos e várias outras semioses que compõem o discurso político, juntamente com a materialidade linguística. Considerar essas variadas linguagens como constitutivas de enunciados implica mudanças no *corpus* discursivo, que não está mais relacionado apenas a elementos linguísticos em seu aparato metodológico.

Essa ampliação do conceito do material de análise, que considera também os elementos não verbais presentes no *corpus*, pode ser apreendida no conceito de enunciado proposto por Foucault, que afirma:

É relativamente fácil citar enunciados que não correspondem à estrutura linguística das frases.[...] uma árvore genealógica, um livro contábil, as estimativas de um balanço comercial, são enunciados: onde estão as frases? Pode-se ir mais longe: uma equação de enésimo grau ou a fórmula algébrica da lei da refração devem ser consideradas como enunciados; e se possuem uma gramaticalidade muito rigorosa [...] não se trata dos mesmos critérios que permitem, em ma língua natural, definir uma frase aceitável ou interpretável. Finalmente, um gráfico, uma curva de crescimento, uma pirâmide de idades, um esboço de repartição, formam enunciados; quanto às frases de que podem estar acompanhados, elas são sua interpretação ou comentário; não são o equivalente deles [...] Não parece possível, assim, definir um enunciado pelos caracteres gramaticais da frase. (FOUCAULT, 1986, p. 93)

O enunciado não está restrito aos limites da frase ou do texto, mas é constituído também de outras materialidades, que são responsáveis pela produção de efeitos de sentido. A imagem aqui analisada deve ser entendida como um enunciado (no sentido foucaultiano) e, como tal, passível de interpretação e descrição a partir de um aparato metodológico circunscrito na Análise do Discurso.

De acordo com Sargentini, essa redefinição do *corpus para além da materialidade linguística* é propiciada pela mudança na temporalidade do objeto de análise. Nesse sentido, analisar um discurso implica analisar um enunciado como um fragmento em curso na História, que na contemporaneidade comporta várias semiologias constitutivas que possibilitam vários paradigmas de leitura.

Considerar o enunciado em sua dispersão, como um fragmento, um acontecimento, e não em um longo ou médio período histórico, permite flagrar essa mudança que vem ocorrendo no discurso, que anseia por leituras de várias materialidades, além da linguística.

Essa redefinição do *corpus* discursivo, por sua vez, relaciona-se à heterogeneidade constitutiva do sujeito e, conseqüentemente, à Formação Discursiva (FD) em que ele se insere. As mudanças na conceituação de FD “derivam da necessidade de a AD ampliar seus objetos de análise, incorporar discursividades que envolvem o verbal e o não verbal e a sua circulação na sociedade do espetáculo midiático” (GREGOLIN, 2005, p.2).

Como toda FD comporta, além da heterogeneidade de materialidades - como a verbal e a não verbal – uma heterogeneidade de efeitos de sentidos, “toda formulação possui, em seu ‘domínio associado’ outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais se produzem certos efeitos de memória específicos” (COURTINE, 2009). Nesse ponto, podemos retomar Foucault (1969), que discutiu junto ao conceito de FD o papel da memória, à qual cabe o agenciamento dos efeitos de sentido, marcados historicamente e repetidos ou silenciados em determinados momentos. É nestas condições que compreendemos o corpus desta pesquisa.

A página de jornal aqui analisada se insere em uma FD que comporta o contraditório, o embate e não apenas o seu efeito de sentido semelhante. O que ocorre é uma ilusão de unidade de sentido, produzida pela mídia, a qual é responsável pelo agenciamento da repetição e da reformulação de identidades e efeitos de sentido, inserindo esses sentidos na História.

Em relação ao discurso político, a mídia tem um papel crucial na defesa de interesses de grupos sociais e tenta instaurar práticas discursivas que materializam ações em prol da manutenção de poderes desses grupos. Como afirma Gregolin (2007, p. 24), “[...] na nossa época a mídia é uma fonte poderosa e inesgotável de produção e reprodução de subjetividades, evidenciando sua sofisticada inserção na rede de discursos que modelam a história do presente”, e ainda:

Como dispositivo social, a mídia produz deslocamentos e desterritorializações. Ao mesmo tempo, o trabalho discursivo de produção de identidades desenvolvido pela mídia cumpre funções sociais básicas tradicionalmente desempenhadas pelos mitos – a reprodução de imagens culturais, a generalização e a integração social dos indivíduos (GREGOLIN, 2007, p. 17).

Esse agenciamento promovido pelas mídias faz parte das técnicas modernas de controle dos corpos, como aponta Foucault, quando trata da genealogia do poder, explorando os mecanismos utilizados para a docilização, ou seja, para que o corpo faça aquilo que é desejado pelo outro. Ao retomar Foucault, Gregolin aponta as técnicas que materializam esse controle:

- a) Primeiro, ela se dá no contexto disciplinar dos regulamentos minuciosos, do olhar das inspeções e do controle sobre o corpo [...];
- b) Em segundo lugar, a disciplina organiza o tempo [...];
- c) Em terceiro lugar, a vigilância aparece como algo que deve ser contínua, ininterrupta e que, acima de tudo, precisa ser vista pelos indivíduos que a ela estão expostos como perpétua [...];
- d) Finalmente, a disciplina produz saber. (GREGOLIN, 2003, p.100).

Podemos perceber na circulação dos discursos pelas mídias toda essa maquinaria de controle e agenciamento, pois elas controlam nosso tempo disponível para elas e, sem que percebamos, colocamo-nos em uma posição de intensa submissão quando “consumimos” seus discursos sem questionarmos de onde eles vêm e por que eles nos vêm. Estamos tão imersos nessa submissão, principalmente se tomarmos a TV como exemplo, que não nos damos conta de que estamos sendo vigiados e determinados o tempo todo, já que são utilizadas estratégias diversas para nos “capturar”, chamar nossa atenção e organizar nosso olhar e a forma como tomamos conhecimento dos fatos.

O discurso não está relacionado a um sentido único, mas a efeitos de sentidos produzidos em decorrência do lugar ideológico e da inscrição dos sujeitos em formações discursivas em determinado momento da História. Essa historicidade, por sua vez, intervém no discurso no que diz respeito a sua própria existência, como a responder à pergunta proposta por Foucault (1995) para a compreensão desse funcionamento: por que apareceu esse enunciado e não outro?

Na reportagem analisada, os enunciados escritos da notícia, acompanhados pela foto, emergiram em um contexto político de intensas críticas ao Partido dos Trabalhadores (PT) e seus representantes. Como uma instância material da ideologia (ORLANDI, 2001), o discurso acontece na superfície da língua, e, como propomos, também no design de textos em jornais e sites, no recorte das imagens apresentadas, na costura entre textos verbais e imagens, por exemplo, não de maneira uniforme e imediatamente visível, mas apreensível em procedimentos de análise.

Sob essa ótica, o sujeito não é autônomo, dono e a origem de seu conhecimento, nem tampouco é um sujeito empírico. O sujeito discursivo é social, coletivo, integrante de uma realidade social, histórica e ideológica, e, como categoria analítica, é uma posição discursiva, que pratica os discursos ao enunciar e produzir sentidos. Como afirma Fernandes:

[...] o sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, e um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico. (FERNANDES, 2005, p. 34)

Das formulações desse sujeito polifônico e heterogêneo, podemos compreender práticas discursivas em funcionamento que revelam os embates sociais, ou seja, as várias vozes dos diversos lugares ideológicos e marcados historicamente. Essa heterogeneidade constitutiva do sujeito promove um diálogo constante entre os discursos produzidos, assim, todo efeito de sentido, inscrito historicamente, relaciona-se a outros efeitos de sentidos em dispersão, seja reafirmando-o ou refutando-o.

Um discurso “atravessado”, ou quando não vemos a história da imagem

Segundo os manuais de redação e estilo de jornais¹, a imagem é usada na notícia para ilustrar o conteúdo noticiado, uma espécie de complemento do texto verbal, com o qual possui uma relação, portanto, de complementaridade. Assim, a foto de Dilma estaria, simplesmente, ilustrando a legenda que aparece abaixo, a qual explica que a presidente participou de uma cerimônia de gala na Academia de Agulhas Negras. Porém, o efeito de sentido provocado pela imagem, especificamente, caminha para a construção de um discurso de depreciação do atual governo e da então presidente da república, sentido que não é tão explícito no texto verbal.

¹ Para fins desta pesquisa, consultamos o Manual de Redação do Jornal Estado de São Paulo.

Observemos a matéria impressa do jornal O Estado de São Paulo, no dia 20 de agosto de 2011. É importante registrar que na versão online, apenas os enunciados escritos são apresentados e a foto não está disponível.

O ESTADO DE S. PAULO

Desconfiado de Dilma, PMDB faz plano para 2014

Descontentes com tratamento do PT e receosos sobre empenho da presidente para manter aliança, dirigentes preparam candidaturas

João Domingos | BRASÍLIA

Nas reuniões com dirigentes estaduais e municipais do PMDB Brasil afora, o presidente interino do partido, senador Valdir Raupp (RO), insiste em dizer que todos devem estar preparados para a possibilidade de trabalhar por um candidato da legenda à sucessão da presidente Dilma Rousseff.

“Nós temos de construir nomes para a sucessão em 2014”, disse Raupp ao Estado. “Temos vários, mas outros podem surgir.” Os peemedebistas, que já se movimentam para 2014, têm três nomes neste momento. Um deles é o do vice Michel Temer (SP). Os outros são os do ex-ministro Nelson Jobim (Defesa) e do governador do Rio, Sérgio Cabral.

Por trás dessa defesa da candidatura própria há dois recados do PMDB. Um, dirigido aos peemedebistas descontentes com a forma como julgam estar sendo tratados pelo PT na aliança, com denúncias de corrupção nos ministérios em que atuam. O outro recado é destinado à presidente Dilma Rousseff, uma esfinge que o partido não consegue decifrar.

De acordo com dirigentes do PMDB, o que o partido hoje pergunta é se Dilma é capaz de chefiar uma aliança como a que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva conduziu. Será Dilma uma parceira confiável para a manutenção da aliança? Ou será preciso construir alternativas? O PMDB tem queixas quanto ao peso do que seus dirigentes chamam de “chicote do PT”. O partido sempre reivindicou um lugar no conselho político da presiden-



WILTON JUNIOR/AE

Honras militares

Recebida em solenidade de gala, na Academia de Agulhas Negras, a presidente Dilma Rousseff assistiu ontem à entrega de espadins a 441 cadetes que cursam o primeiro dos quatro anos da escola de formação de oficiais.

te, para influenciar no dia a dia do governo. Mas não conseguiu. Quis a divisão do governo em partes iguais. O PT não aceitou.

Números. Para mostrar sua importância, o PMDB gosta de exibir números. Tem o vice-presidente, 5 ministros, 5 governadores, 8 vice-governadores, 80 deputados, 20 senadores e 2.324.339 filiados. Ainda assim, tem gente que não acredita que o PT cumpra o acordo pelo qual o deputado Henrique Alves (RN) seja o sucessor de Marco Maia (PT) na presidência da Câmara, em 2013.

Em quase todas as eleições passadas, uma ala do PMDB sempre tentou lançar candidato à Presi-

dência, mas o apego a coligações predominou. Em 2002, fez aliança com o tucano José Serra e a deputada Rita Camata (PMDB-ES) entrou como vice. Dois anos depois, aderiu ao governo Lula, ganhou ministério e estatais. Em 2006, continuou com ele e, em 2010, fez a aliança com Dilma e elegeu o vice-presidente.

Os dissidentes são raros, como o senador Jarbas Vasconcelos (PE). No setor independente estão os senadores Pedro Simon (RS), Luiz Henrique (SC), Casildo Maldaner (SC), Eduardo Braga (AM), Roberto Requião (PR) e Ricardo Ferraço (ES). Se o assunto for um candidato próprio em 2014, eles se unem.

Figura 01: Página do jornal
Fonte: Jornal O Estado de São Paulo

A notícia, nos enunciados escritos, registra a opção dos peemedebistas de escolherem candidatos próprios para as eleições presidenciais de 2014. A leitura dos primeiros parágrafos pode dar um tom mais neutro e imparcial ao texto, porém, ao elencar os motivos pelos quais os integrantes do PMDB pensam em ter uma candidatura própria nas eleições de 2014 (o fato de o partido não confiar mais no PT e não saber se Dilma Rousseff é capaz de manter a aliança), fica visível a crítica ao Partido dos Trabalhadores e à presidente.

De acordo com dirigentes do PMDB, o que o partido hoje pergunta é se Dilma é capaz de chefiar uma aliança como a que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva conduziu. Será Dilma uma parceira confiável para a manutenção da aliança? Ou será preciso construir alternativas? O PMDB tem queixas quanto ao peso do que seus dirigentes chamam de "chicote do PT". O partido sempre reivindicou um lugar no conselho político da presidente, para influenciar no dia a dia do governo. Mas não conseguiu. Quis a divisão do governo em partes iguais. O PT não aceitou.

A fotografia que aparece na reportagem sugere a possibilidade da presidente ser atravessada por uma espada e a manchete menor afirma: *Descontentes com tratamento do PT e receosos sobre empenho da presidente para manter aliança, dirigentes preparam candidaturas*; e a foto de Dilma Rousseff, que parece fazer parte da notícia. À primeira vista, o enunciado fotográfico e o enunciado verbal fazem parte de um único enunciado maior, já que a foto da presidente foi publicada abaixo da manchete e dentro do limite da notícia, formando, visualmente, uma unidade. Porém, após a leitura da notícia e da legenda abaixo da imagem, percebemos que os dois enunciados não foram, a princípio, produzidos em conjunto.

A imagem, uma unidade em si, apresenta-nos a presidente da república sendo atravessada por uma espada, com um efeito de sentido de crítica ao governo de uma forma mais direta e visível do que o texto verbal; pois o conjunto “espada mais a presidente” remetem ao sentido, acionado pela memória, de queda, de fragilidade e de derrota: a presidente aparece como que se estivesse sendo atravessada pela espada, e que, inclinada como está para a frente, estaria caindo.

Embora a imagem selecionada pelo jornal não tivesse uma relação direta com o texto verbal, da forma como foram dispostos, emergem de um contexto histórico em que a mídia, durante todo o ano de 2011, não poupou críticas aos ministérios do governo. Houve, neste período uma sistemática campanha de difamação e crítica em relação ao governo petista – o que explica o surgimento desse discurso, e não de outro.

Desse modo, o discurso midiático tenta construir uma verdade através da junção da imagem ao texto verbal, explorando a disposição gráfica dos elementos em uma mesma página. Esse procedimento, que pode passar despercebidamente pelos leitores, constrói um discurso específico sobre a presidente e revela uma determinada posição política para aquela reportagem. O discurso da mídia não pode, portanto, ser tomado como neutro, imparcial e que divulga “a” verdade sobre os fatos, pois ele faz circular “verdades”. Como afirma Foucault (1995, p. 1)

[...] estamos aqui para te fazer ver que o discurso está na ordem das leis, que sempre vigiamos o seu aparecimento, que lhe concedemos um lugar, que o honra, mas que o desarma; e se ele tem algum poder, é de nós, e de nós apenas, que o recebe.

Entendemos o poder do discurso midiático, quando percebemos que o referente de *nós*, no trecho da citação acima, são as instituições, que reprimem, separam, autorizam e constroem os discursos produzidos na sociedade. Desse modo, os textos a que estamos habituados a ler e “consumir” diariamente por meio da mídia nada mais são do que discursos organizados e autorizados por ela para a defesa de si própria, para a legitimação de seus interesses e para a sua instauração como discurso verdadeiro, neutro e único.

Todo esse processo de legitimação do discurso, na reportagem em questão, é propiciado e reforçado pela imagem, que faz visível algo que não foi diretamente formulado no texto verbal, mas que nos é dado por meio dos elementos que a compõem, a saber: o foco e o recorte. Essa foto foi tirada de uma sequência de fotos de uma solenidade militar, conforme consta na legenda.

O recorte, ao “desnudar” a imagem de sua condição de produção, propiciou o aparecimento de um efeito de sentido completamente descontextualizado, fato que pôde servir de instrumento de poder para a construção do sentido pretendido pelo jornal. Além da seleção de uma foto dentre várias, o foco da imagem utilizada na reportagem está centrado na presidente e exclui os participantes da cerimônia, com suas vestimentas adequadas à situação – o que também colaborou para o agenciamento do sentido.

Temos, portanto, um direcionamento do sentido causado pela mudança da “verdadeira” condição de produção da foto, em que estão todos os envolvidos na cerimônia de oficiais da qual participou a presidente da república. Esse cerimonial, uma espécie de ritual, implica uma determinada vestimenta e determinados gestos, como o ato de perpassar a presidente com uma espada, conforme mostra a sequência de imagens abaixo, de autoria do fotógrafo Wilton de Sousa Júnior, que tirou as fotos durante uma cerimônia de entrega de espadins a 441 cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, no sul fluminense. A imagem correspondente à figura 3, publicada no Estado de S. Paulo em 21 de agosto de 2011 e ganhou o Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha.

Figura 02: Sequência de fotos tiradas em cerimônia Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, em agosto de 2011.



Nesse contexto, a espada perpassada possui um efeito de sentido completamente diferente do sentido agenciado pelo jornal, que recortou a terceira imagem de uma sequência, provocando então o sentido que se refere à fraqueza do PT. Sentido este que emerge a partir da relação do texto da notícia com todos os textos/discursos que foram produzidos e veiculados na mídia ao longo do ano de 2011, compondo os discursos em dispersão de uma determinada FD.

Podemos perceber, então, a trama em que foi construído um determinado sentido veiculado pela mídia, o que nos permite negar qualquer possibilidade de uma neutralidade divulgada por essa instituição.

Todos esses procedimentos utilizados na produção do discurso do jornal (disposição gráfica da imagem e da reportagem na página, foco e recorte da foto) nos

mostram, na verdade, a sua luta pelo poder e pelo próprio discurso, na medida em que há ao mesmo tempo o uso do discurso para a luta e para a sua própria legitimação como verdade inquestionável.

O texto da notícia analisada possui determinadas palavras e expressões que materializam um posicionamento ideológico específico sobre o assunto que está sendo noticiado. Assim, ao compor a materialidade linguística da notícia, termos construções como “chicote do PT”, “descontentes” e “esfinge”, que reforçam uma imagem negativa da presidente da república à época. Comparada a uma escultura icônica de civilizações antigas, como a grega e a egípcia, a presidente é significada pelo sentido do enigmático e traiçoeiro.

Do mesmo modo, a foto, publicada na mesma página corrobora para a produção do efeito de sentido acima, a partir do foco e do recorte com que foi apresentada. A imagem é uma dentre uma sequência de fotos que documenta um evento formal que não tem relação com a notícia do texto verbal. Assim como o texto escrito, a foto da presidente da república funciona como um enunciado, no sentido foucaultiano, já referido anteriormente, agencia discursos, inscreve-se em uma rede de memórias visuais.

Considerações Finais

A partir de uma perspectiva discursiva, procuramos refletir sobre alguns mecanismos utilizados para a regularização e estabilização de um sentido em uma determinada reportagem. Percebemos que houve um recorte de uma imagem que, inserida na página do jornal ao lado de uma matéria sobre o descontentamento de um partido político, “ilustrou” o sentido de fragilidade e queda do PT. A neutralidade e o objetivo de informar, que geralmente são lemas defendidos pelos jornais, são ilusórios quando discutidos a partir do discurso.

No corpus analisado neste artigo, a imagem parecia, numa primeira leitura, apenas uma ilustração inofensiva de um texto. Entretanto, ao recuperarmos sua história, pudemos observar como, destacada de seu contexto, recortada e organizada no espaço da notícia – com seu tamanho, no lugar específico da página, junto aos caracteres da notícia, ela funcionou como enunciado, reforçando o sentido dos enunciados verbais. Essa estratégia de regularização de sentidos não é nova no âmbito da mídia. No caso analisado, chama-nos a atenção, entretanto, e, sobretudo, a carga dramática e de espetacularização que a notícia ganha, na relação com a imagem. Pensamos, aqui, na espessura material da fotografia e no impacto que causam ao olhar.

Sontag (2004) já apontava esse aspecto ao discutir como fotos parecem funcionar como documentos incontestes de fatos da história, testemunhos ou provas. Funcionando ao nível do visível, elas impressionam e são mais memoráveis que os textos escritos ou desenhos, ou imagens em movimento. Uma foto recorta um momento e o cristaliza para o expectador. Quando trazem corpos como personagens, a dramaticidade é ainda maior, porque têm o efeito de construir um personagem na história. A espada que “atravessa” o corpo da Presidente é uma leitura possível a partir do texto verbal, mas a teatralização como personagem frágil, vencida e derrotada só é possível porque a imagem abre espaço para esses sentidos, porque o corpo mostrado parece pender para a frente, porque a expressão é séria. Há uma potencialização da notícia a partir da fotografia.

A imagem do corpo que parecia atravessado por uma espada nos remete a muitos lugares de significação, a muitas outras imagens que constituem nosso arquivo

interno de imagens, a memória que Courtine (apud MILANEZ, 2012) chama de intericonicidade, em uma comparação com o conceito discursivo de interdiscursividade, e para explicar como as imagens se retomam umas às outras para significar. A arma de outros tempos e batalhas golpeando pelas costas a figura política máxima de um país pode nos remeter a arquivos imagéticos de histórias medievais de traições, execuções, fins de alianças e de derrubada de um reinado. Esses sentidos, que estão presentes no texto verbal para a discussão dos interesses políticos no contexto atual, se repetem na imagem para regularizar um determinado discurso e uma posição política. O corpo da presidente, mostrado fragilizado e em queda, no espaço de significação da fotografia, foi a estratégia visual e de poder praticada na reportagem. Essa é a técnica sempre revisitada pela mídia na construção de uma memória que ela mesma faz. O corpo como imagem, nesse sentido, é sempre objeto privilegiado para ser feito visível e para fazer visível, dizível e repetível um discurso. O corpo exposto ao olhar é um dos espaços de inunção primeiros entre sujeitos, uma visualidade de grande força enunciativa (HASHIGUTI, 2015) e eficiente para estabilizar regimes de verdade, porque ele nos toma por (des)afetos. Leituras críticas e arqueológicas podem, entretanto, desvelar percursos de sentido e significações outras para tais visualidades.

Neste estudo, não buscamos advogar por uma neutralidade da mídia, ou mesmo, acusá-la de disseminar posições políticas específicas. Tampouco trazemos o tema com intuito de promover discussões e defesas políticas ou partidárias. Nosso objetivo foi explorar um exemplar do discurso midiático que faz visível a relação entre texto verbal e imagem para o funcionamento de regularização de sentidos no discurso. Acreditamos que a abordagem por via do conceito de enunciado e a partir da consideração das relações de poder são maneiras interessantes e frutíferas, dentro da perspectiva adotada, para abordar uma prática discursiva recorrente no nosso cotidiano, e muito frequente no que se refere às notícias sobre política.

REFERÊNCIAS

- COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Trad. C. C. Birk et al. São Carlos: Edufscar, 2009. 250 p.
- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso - reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Adalberto de O. Souza. Maringá: Editora da UEM, 1995.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- HASHIGUTI, S. T. **Corpo de Memória**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DE O ESTADO DE S. PAULO. 3ª ed, São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.
- MILANEZ, N. **Discurso e imagem em movimento: o corpo horrorífico do vampiro no trailer**. São Carlos: Claraluz, 2012. 96 p.
- ORLANDI, E. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.
- GREGOLIN, M. R. V. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. In: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v 4, Nov. 2007, p. 11-25.
- GREGOLIN, M. R. V. **Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades**. In: II Seminário de Análise do Discurso (SEAD), Porto Alegre, UFRGS, 2005.
- SARGENTINI, V. M. O. A Análise do Discurso e a natureza semiológica do objeto de análise. In: GREGOLIN, M. R.; KOGAWA, J. M. (org). **Análise do Discurso e**

Semiologia: Problematizações Contemporâneas. Araraquara: Laboratório Editoril/Cultura Acadêmica Unesp, v. 20, 2012, p.101-120.
SONTAG, S. [1973] **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.